



Neste mês, nós trazemos um editorial um pouco diferente. Convidamos uma estudante do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades do Campus dos Malês para que ela nos falasse sobre suas vivências na UNILAB. Nada melhor que as palavras estudantis para que todas, todos e todes possam refletir sobre nossa universidade, buscando sempre as transformações que nós queremos. Então... Vamos refletir com o texto da Grazi!



UNILAB

Universidade da
Integração Internacional
da Lusofonia Afro-Brasileira

O QUE É SER UMA ESTUDANTE DA UNILAB?

GRAZIELLA OLIVEIRA SANTOS



Pertencer a um lugar perpassa por inúmeras questões da nossa vida, desde a identificação por parte das pessoas, até ao ambiente em que se desenvolve essas interações. A UNILAB surgiu na minha vida de surpresa e trazendo inúmeras dúvidas sobre o mundo acadêmico. Me desafiei ao enfrentar essa oportunidade com muita insegurança, mas também com o coração cheio de esperança sobre novos caminhos a serem trilhados.

A minha história com a Unilab começou antes mesmo de estar dentro dela. Passei para o curso de Bacharelado em Humanidades por volta de 2 anos antes da minha entrada oficial na universidade. Por falta de conhecimento ou talvez até por questionamentos dos meus familiares, deixei essa oportunidade passar e me frustrei bastante. Confesso que não tinha conhecimento do que se tratava um curso interdisciplinar e muito menos sobre a proposta da Unilab, e isso fez desconsiderar uma pesquisa breve para me informar e ter feito uma escolha mais coerente. Pensando nessa época eu entendo que, se fosse pra ter ingressado antes, talvez eu não desfrutasse tão bem do que foi a influência da Unilab posterior a esse acontecimento. "Tudo vem no tempo certo", pensei.

Quando entrei na Unilab para cursar Humanidades imaginei um curso totalmente diferente do que realmente se tratava. Achava que seria apenas uma porta de entrada para outros cursos que estava em mente. Mas o BHU mudou literalmente minha vida, abriu minha mente para questões que desconhecia, me fez enxergar um mundo que até então era muito limitado e desconhecido para mim. Conheci pessoas incríveis que fizeram com que eu desenvolvesse um senso crítico para situações que aconteciam ao meu redor.

Sobre as/os professoras/es que fazem parte da Unilab, entendo que possuem o maior e mais importante papel na concepção e conhecimento da escolha da minha profissão. Enxergo-os como um peça-chave para confirmar o meu desejo em lecionar. Me vi em muitos deles, almejo hoje ser um pouco do que cada um foi para mim nessa trajetória. As vivências compartilhadas, o conhecimento proferido foi de grande valor, principalmente sentimental. Entre muitas dúvidas sobre que caminho seguir, a confirmação veio junto com descobertas que eu nem imaginava que fosse capaz de querer. Professores/as, desde a infância, foram as pessoas que mais admirei e todos que passaram na minha vida tenho o maior respeito e carinho.

Por fim, trago aqui o meu sentimento em ser estudante da Unilab. Para mim pertencer a ela foi ter encontrado um lugarzinho que faltava para eu descobrir minha função no mundo. Menos poética e mais direta, recriei minhas perspectivas e curso agora a profissão, que apesar de muito difícil na nossa sociedade, é o que me faz sentir feliz e realizada. À Unilab, e tudo que veio junto com ela, minha gratidão. Espero contribuir para o mundo tudo o que me foi concebido ao longo desses longos (e quase intermináveis) anos de vivência. Ainda falta um pouco para me despedir da Unilab, mas já me sinto satisfeita com tudo que ela me proporcionou até aqui.



MINHA TRAJETÓRIA NA UNILAB

Nembali Mané



Na intenção de valorizar as vivências de estudantes da UNILAB, convidamos o agora Bacharel em Humanidades, Nembali Mané, para nos contar um pouco sobre sua caminhada na universidade, os desafios enfrentados e as escolhas que ele fez para lidar com as demandas universitárias em sua formação inicial. Nembali é Malês, e Malês, resiste!



O presente relato objetiva narrar a trajetória do estudante Guineense Nembali Mané, especificamente durante o seu percurso no curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades — UNILAB — Campus dos Males, São Francisco do Conde, Bahia. As Humanidades são amplas, pois e envolvem diversas áreas de saber, dessa forma, considera-se que o Curso de Humanidades da UNILAB é transversal e interdisciplinar que abrange diversas a áreas de saber principalmente as áreas que fazem ligação ao segundo ciclo da formação dos estudantes tais como: Pedagogia, História, Relações Internacionais, Antropologia, Ciências Sociais, dentre outras.

Estudar Humanidades na UNILAB significa adquirir novas visões do mundo, construir novos horizontes no mundo científico norteado pela desconstrução dos saberes considerados hegemônicos, questionar os conhecimentos e culturas ocidentais que ao longo da história são considerados universais e Cânone mundial. Ao mesmo tempo, este curso permite abrir uma janela de diálogo/debate científico com as demais realidades, principalmente as que foram subalternizadas ao logo da história da humanidade. Portanto, a desconstrução e a construção dos saberes contra hegemônicos, requer, de fato, um enorme esforço, um volume de leitura e uma investigação aprofundada sobre os fatos históricos, dentre outros. Assim, para quem não tinha, como eu, tanto hábito de leitura, a carga de leitura exigida pelo curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, com certeza, inicialmente, me fez deparar com grandes dificuldades.

Oficialmente meu vínculo com a referida universidade começou no dia 03 de julho de 2018, numa segunda-feira, com a disciplina: Sociedades e Diferença nos Espaços Lusófonos, depois de ter passado por um processo de seleção que culminou na minha seleção como bolsista de UNILAB, ingresso em 2018.1, um processo seletivo de estudante estrangeiro que acontece anualmente. Eu sou um estudante que, em toda sua trajetória, desde o ensino fundamental até o ensino médio, estudou nas escolas públicas. Para quem conhece a realidade das escolas públicas da Guiné-Bissau, sabe como é estudar nessas escolas e como elas funcionam. Há constantes paralizações devido à greve dos professores que exigem melhoria das condições de trabalho e, conseqüentemente, isso é uma razão pela qual estuda-se por pouco tempo, uns cinco ou seis meses de aulas durante ano letivo, dentro do que, formalmente de acordo com o calendário escolar, deveriam ser nove meses ou mais.

Perante essa situação, meus primeiros momentos no curso de Humanidades foram muito difíceis, tendo em conta as peculiaridades das metodologias de ensino existentes no Brasil, bastante diferente do que acontece na Guiné-Bissau. Ao ingressar-me no ensino superior no Brasil, comecei a sentir as diferenças em termos de ensino o que me levou a comparar o método de ensino que se aplica no Brasil com o que se aplica na Guiné-Bissau. Antes de ingressar no curso de Humanidades, nunca tive as oportunidades de fazer resumo, resenha e fichamento que são algumas das principais atividades deste curso. As metodologias de ensino permitiram-me ter a capacidade de compreensão dos conteúdos estudados e, ao mesmo tempo, fazer uma análise crítica dos textos lidos. Portanto, colocar essas metodologias em prática, foram muito difíceis para mim nos momentos iniciais do curso (primeiro e segundo semestre) por ser uma experiência nova.



A persistência, a resistência e os apoios contribuíram na superação de algumas dificuldades ao longo do primeiro ano da formação e isso norteou os passos gigantes para a maior superação das minhas dificuldades no que diz respeito à realização das atividades acadêmicas, pois eu não poderia fazê-las sem a ajuda dos professores e colegas. Ser estudante da UNILAB é uma grande oportunidade, pois todos os/as professores/as são excelentes profissionais, sabem lidar com os estudantes, independentemente da situação em que se encontram. Recebi acompanhamentos de professores e professoras nos momentos mais difíceis do curso, e estes apoios transformaram cada obstáculo em sucessos. Por outro lado, a orientação dos veteranos e dos/as colegas do meu ingresso, independentemente da nacionalidade, ajudou-me a crescer e superar as minhas dificuldades. Assim a superação das dificuldades iniciais do curso teve o envolvimento de todos e todas, o que confirma a missão da integração da UNILAB.

A partir do meu terceiro semestre (2019.1), decidi retribuir o mesmo apoio aos demais estudante nacionais e internacionais ingressantes que necessitavam das orientações para superar as suas demandas no início do curso. Entendo que ser universitário exige esforços para além das atividades do ensino, ou seja, na sala de aulas. Neste caso, é necessário ingressar nas demais atividades de pesquisa e extensão universitária. Deste modo, decidi me candidatar no processo seletivo para a tutoria do Programa Pulsar, um programa institucional de orientação acadêmica dos estudantes ingressantes de primeiro ano do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades (BIH) Campus dos Malês. Eu tinha o propósito de ampliar os meus horizontes no cenário acadêmico e partilhar a minha experiência com os/as demais estudantes da minha universidade. Assim, fui selecionado como tutor júnior no edital nº16/2019.

O referido programa está vinculado à Pró-reitoria de Graduação, e serve para o acompanhamento e orientação acadêmica dos estudantes de cursos de graduação na modalidade presencial em “ações de tutoria”. O programa, dentre os seus objetivos, visa “contribuir para a permanência qualificada do estudante nos cursos de graduação da UNILAB e orientar o estudante para uma transição tranquila da Educação Básica para a Superior.” Portanto atuei em três editais diferentes, sendo o primeiro edital (nº16/2019) com a duração de um ano, entre 24 de maio de 2019 a 24 de maio de 2020, sob a orientação da tutora sênior Professora Mariana Preta Oliveira de Lyra, com a colaboração dos colegas tutores José Mateus, Mamadú Cissé e Panzo Bartolomeu.

O segundo edital (017/2020) foi no Período Pletivo Excepcional (PLEX) que decorreu entre 24 de agosto a 24 de outubro de 2020 sob a orientação da tutora sênior professora Maria Andrea dos Santos Soares, com colaboração de colegas tutores Balakov Miranda Indi e Jacque Mário Almeida Lé. Este edital foi muito desafiador, pois ocorreu nos primeiros momentos das aulas on-line na UNILAB, o que exigia muita resistência e reinvenção para nos adaptarmos às atividades remotas. Apesar dos grandes desafios enfrentados, no final conseguimos êxito na orientação e na condução dos trabalhos.

No meu último semestre 2020.2 decidi me candidatar para dar minhas últimas contribuição aos ingressantes como tutor júnior e isso me levou a última concorrência no edital nº15/2021, que se tornou vigente entre 04 de junho e 14 de setembro de 2021, sob a orientação da tutora sênior Professora Lucilene Rezende Alcanfor com a colaboração do tutor júnior Jacque Mário Almeida Lé. Quanto às realizações, considero que atingimos os objetivos propostos por tornar muitos estudantes independentes nas realizações das atividades acadêmicas e por proporcionar a integração dos mesmos no espaço Universitário. Dessa forma, os planos foram concretizados com sucesso devido ao crescimento que muitos estudantes apresentaram depois de passarem nas sessões das tutorias, nos plantões e nas oficinas do programa pulsar. Realmente, isso demonstra que muitos tutorados já não dependem de outros para a realização das suas atividades. Portanto, considero o meu desempenho como tutor júnior do Programa Pulsar muito positivo porque estive sempre desposto e disponível para ajudar e orientar os tutorados em diversos momentos, conforme o compromisso assinado no início do presente edital.

Além do Pulsar participei do programa de bolsas da monitoria (PBM), no edital Nº 03/2021, de 14 de janeiro de 2021. Nesse edital fui selecionado como monitor da disciplina de Leitura e Produção de Textos II (LPT II), sob a orientação do Professor Alexandre Cohn Da Silveira. O programa de bolsas da monitoria (PBM), criado pela Pró-reitoria de Graduação (PROGRAD), em colaboração com as coordenações de cursos de graduação, objetiva minimizar as demandas dos estudantes e estabelecer um diálogo entre os estudantes monitores e discentes matriculados na disciplina monitorada para proporcionar um ambiente de aprendizagem no espaço universitário, assim como despertar uma experiência pedagógica aos estudantes de graduação e procurar agregar o processo formativo ao/a monitor/a.

Neste edital, minhas ações não se limitaram a apoiar o professor ou a orientar os estudantes. A atuação no programa serviu-me como aprendizado a partir das conversas com o professor orientador, que me abriu várias possibilidades/espços de aprendizagem diariamente, através das dinâmicas e metodologias de aulas extraordinárias que vou levar comigo em toda minha vida acadêmica. Por outro lado, as minhas interações com os estudantes monitorados ajudou-me a corrigir vários erros que eu tinha ainda com relação à organização de meus estudos e as minhas práticas de escrita. Dessa forma, as sessões de orientações serviram de espaços de aprendizado, cada pessoa orientada, cada texto lido para aulas, cada lição preparada para plantões e cada artigo revisado representou um processo de aprendizado e contribuiu para minha trajetória acadêmica.

Além da minha atuação nos programas institucionais da UNILAB, também participo em dois importantes projetos de pesquisa. Um deles, nomeadamente, é o Grupo de pesquisa educação afrocentrada, coordenado pelo professor Ricardo Matheus Benedicto, cujo foco do projeto é desconstruir a universalização de um único modelo de educação considerado hegemônico e que objetiva a subalternizar as demais formas de transmissão dos saberes não ocidentais. O projeto visa incentivar a construção dos conhecimentos contra hegemônico por meio de uma educação centrada na África e as suas diásporas, a partir desse panorama sermos sujeitos na nossa própria história, culturas e saberes.

Participo também do GEPILIS - Grupo de Estudos, Pesquisa e Extensão

Interdisciplinares em Linguagem e Sociedade - que reúne pesquisadoras e pesquisadores da UNILAB e também conta com a participação professoras e professores, estudantes e estudiosos das outras instituições, tanto da Educação Básica, quanto do Ensino Superior. Tem como objetivo principal desenvolver atividades de estudos, extensão e pesquisas no âmbito das áreas de Linguagem e Sociedade, de maneira a contribuir para a produção de conhecimentos necessários às transformações sociais, a partir das demandas e desafios que emergem no campo educacional. O Grupo é, atualmente, coordenado pelo professor Alexandre Cohn Da Silveira.

Por meio deste projeto, lançamos o nosso primeiro livro coletivo, cujo título é "GEPILIS Acontecendo: pesquisas e experiências decoloniais em educação linguagem e sociedade", organizado pelos professores Alexandre Cohn da Silveira e Ana Rita de Cássia Santos Barbosa, no qual sou um dos autores. O livro foi lançado no dia 15 de outubro de 2021, em uma live que está disponível em nosso canal do YouTube. Este grupo ensinou-me a pesquisar em diversas áreas, numa perspectiva decolonial, que me ajuda a enxergar outros horizontes além de conhecimentos eurocêtricos.

Finalizei o curso de graduação com a monografia intitulada Ensino de História em Guiné-Bissau: colisões entre eurocentrismo e realidades históricas do país. Um trabalho que objetiva analisar o ensino de História em Guiné-Bissau, com foco na colisão que há entre o eurocentrismo e a realidade histórica do país. Destaco que eurocentrismo é uma visão que coloca a Europa no centro do universo, subalternizando as outras realidades epistêmicas, culturais, históricas e ideológicas. Dessa forma, discuto sobre ensino de história no meu país e suas relações com as realidades históricas, fazendo uma análise sobre as influências do eurocentrismo nos conteúdos estudados, o que estimula a colisão entre as duas realidades históricas. A realização desse trabalho de pesquisa teve apoio e orientação da professora Sabrina Rodrigues Garcia Balsalobre, que me orientou com toda paciência e carinho e que sempre esteve ao meu lado. Ela proporcionou grandes momentos de aprendizado durante a construção deste trabalho.

Com tudo o que apresentei neste texto, agradeço à UNILAB a todos/as professores/as e colegas que contribuíram com minha trajetória principalmente no curso da Humanidades aqui na Bahia, Campus dos Malês.



SARAVÁ, PAULO FREIRE!

O Ponto saúda Paulo Freire em toda a sua importância e sabedoria para a Educação!

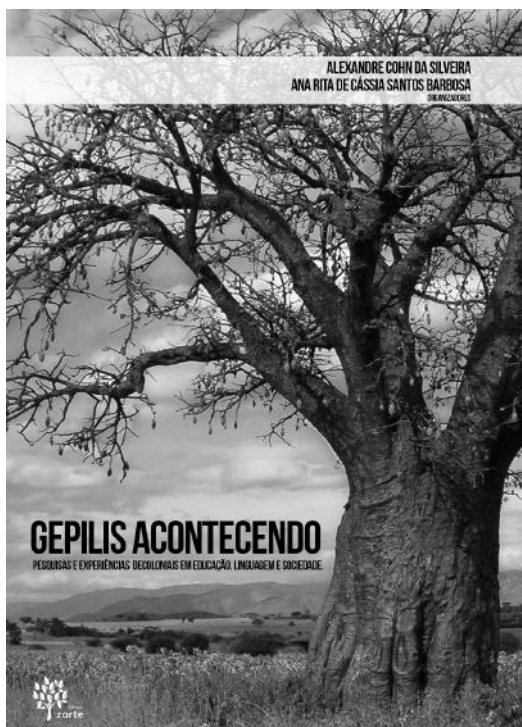
Parabéns, Mestres e Mestras!... Saravá todes que resistem, ensinando a transgredir!

No último dia 15 de outubro, dia dos professores e das professoras, o Grupo de Estudos, Pesquisa e Extensão Interdisciplinares em Linguagem e Sociedade – GEPILIS – promoveu um encontro festivo que reuniu cultura, educação e muita emoção. Foi a live “GEPILIS Acontecendo” que teve como principal propósito lançar o primeiro livro coletivo dos pesquisadores e pesquisadoras do grupo, num dia muito simbólico para todes.

O Grupo é formado por pessoas de diversas instituições e localidades do Brasil, com profissionais e estudantes do Ensino Superior e da Educação Básica, que se interessam por estudos e pesquisas envolvendo os temas centrais “Educação”, “Linguagem(ns)” e “Sociedade” nos mais diversos aspectos. Atualmente os professores Alexandre Silveira (Letras) e Ana Rita Barbosa (Pedagogia) estão à frente da condução das atividades do GEPILIS e foram os organizadores do livro “GEPILIS Acontecendo: Pesquisas e relatos de experiências decoloniais em Educação, Linguagem e Sociedade”. A obra apresenta textos de muitos integrantes do GEPILIS – professores e estudantes – mas também traz textos de pesquisadores e pesquisadoras que mantêm uma interlocução com os propósitos do Grupo.

A live promovida no dia 15 de outubro foi uma experiência única que encantou a todes que participaram, não deixando perceber as quase 3 horas de sua duração. Inicialmente, a Professora Keu Apoema, da Universidade Federal do Sul da Bahia, emocionou e encantou os/as participantes com a contação de duas histórias de origem africana relacionadas ao papel dos educadores e das educadoras na formação humana. Em seguida foi a vez da Professora Gilvanice Musial, da Universidade Federal da Bahia, trazer Paulo Freire para o encontro, apresentando sua trajetória e importância para a Educação e para a formação humana. Na segunda parte da live, alguns autores e autoras que participaram do livro do GEPILIS apresentaram seus textos e comentaram sobre novas pesquisas que estão realizando atualmente. Essa foi, certamente, uma tarde para ficar na memória e um respiro de ar puro freireano em meio a tantos desmandos com a educação e com os seus profissionais. Viva Freire!

Quem quiser assistir a live, ela está disponível no canal do GEPILIS, no Youtube. O livro é um e-book que pode ser baixado gratuitamente através do link bit.ly/GEPILISAcontecendo



GEPILIS

GRUPO DE ESTUDO, EXTENSÃO E PESQUISA
INTERDISCIPLINARES EM LINGUAGEM E SOCIEDADE

ESCRITOS DA VIDA NA PANDEMIA

No semestre passado, na disciplina de Enunciação, Discurso e Texto do 7º semestre no curso de Letras - Língua Portuguesa da UNILAB/BA, o professor-mediador da disciplina - Carlos Maroto Guerola - pediu à turma que escrevesse um texto falando de como era/é estudar na pandemia. O objetivo desse pedido foi trabalhar didaticamente a técnica de escrita, já que ela constitui uma atividade que demanda um conjunto de métodos e processos baseado na ciência da linguagem e é tida, para muitos em nossa sociedade, como *modus essendi* para entusiastas de Letras. Então, diante dessa (pre)ocupação com a escrita, foram disponibilizados pelo professor cinco tópicos dos quais cada um iria constituir um parágrafo do texto dos/das estudantes. Assim sendo, cada texto ficou determinado para ter cinco parágrafos. O inciso introdutório seria sobre a pessoa, fazendo a apresentação sobre quem ele/ela é; o segundo seria para a pessoa descrever a realidade que a rodeia, falando de sua rua/cidade ou do seu bairro/país; depois, fazer uma abordagem quanto aos desafios do ensino remoto. Em seguida, era necessário propor possíveis soluções para essas dificuldades e, por último, encerrar o texto frisando as ideias centrais.

Para viabilizar essa pedagogia da escrita, foi dado um período de cinco semanas para que os/as estudantes trabalhassem passo a passo na construção de seus textos. Isso porque cada um teria que ser o revisor ou a revisora da própria tarefa, fazendo e refazendo as devidas correções e sempre atendendo as normas estabelecidas para elaboração do escrito. Após expirar o prazo e todo mundo ter fechado o trabalho, o professor deu a proposta de publicá-los em fragmentos no Jornal O Ponto. Na ocasião, não houve posições contranitentes. Por isso, o Jornal O Ponto tem a honra de presentear seus leitores e suas leitoras com esses textos, publicando, nesta edição, a primeira parte dessas produções. Parabéns ao Prof. Guerola e seus estudantes-autores!

Emilson N'Dame



Yuran Fernandes

Domingos Santana

Sou graduando do curso de Letras – Língua Portuguesa pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab). Nascido em Luanda (Angola), emigrei para o Brasil, no ano de 2018, com o objetivo de iniciar a minha formação na área de Letras. A graduação em Letras tem contribuído bastante para o meu crescimento acadêmico, já que ela apresenta um arcabouço teórico essencial à formação qualificada do formando nessa área. Fazer a graduação em Letras pela Unilab acaba sendo uma ótima oportunidade de crescimento acadêmico e profissional, assim como de conhecer novas pessoas e culturas.

Minha rua apresenta o cenário típico da maioria dos bairros com moradores de baixa renda no Brasil, reunindo casas de tijolos, asfalto, algum capim e saneamento básico deficitário. A maior parte das casas não são rebocadas ou pintadas e geralmente são ampliadas gradualmente. Outras coisas marcam o visual da rua: postes de concreto carregados de diversos fios de energia elétrica e internet. Normalmente, os moradores da minha rua acordam bem cedo e, nesse sentido, sou despertado com o grito de alguns vendedores ou ao som de músicas altas. Em geral, elas começam cedo e se mantêm até a noite. Mesmo no contexto da pandemia, as pessoas do meu bairro saem à rua para buscar o seu sustento, dado que a maioria delas são trabalhadoras informais e de baixa renda.

Estudar no contexto pandêmico não tem sido fácil, pois são várias as adversidades que têm surgido nesse período. A minha adaptação ao ensino remoto tem sido difícil por conta de problemas com o notebook, um sinal de internet que oscila bastante e alguns problemas de saúde que prejudicaram bastante a minha aprendizagem em alguns momentos do Plex (1). Entendo que o ensino remoto, na circunstância atual, funcione como uma alternativa para contornar a crise da Covid-19, permitindo que os alunos continuem estudando. Entretanto, julgo que as aulas remotas acabam sendo cansativas e menos produtivas do que as presenciais, visto que existem problemas de conexão que acabam atrapalhando as aulas e, mesmo quando eles não ocorrem, a interação em sala de aula é bastante reduzida. Quando um aluno vai falar, os outros têm de desligar o seu microfone, para evitar eco, e muitas vezes também a câmera, para reduzir o uso da banda e melhorar a recepção do falante. É muito ruim falar para um monte de janelinhas pretas e perder qualquer feedback com os colegas. Não há outra forma de estudar no contexto atual, mas é difícil e penso que há uma perda de qualidade.

As alternativas a essa realidade devem passar por considerar as discussões fomentadas no âmbito das pesquisas científicas sobre o coronavírus, bem como a promoção de recursos que permitam a realização qualificada das aulas a distância. É necessário investir mais em vacinas, na testagem da população, no auxílio financeiro para populações de baixa renda, na fiscalização de organizações que prestam serviços públicos e em outras medidas plausíveis de enfrentamento à pandemia, evitando-se as tomadas de deci-

sões baseadas em ideologias políticas totalmente afastadas dos estudos sobre a Covid-19. As universidades devem fornecer meios eletrônicos adequados para que os discentes possam acompanhar o semestre remoto da melhor forma possível, sendo também conveniente a criação de uma plataforma eficaz para a realização das aulas durante a pandemia. É preciso criar alternativas que tenham a ciência como supedâneo e nos ajudem a minimizar ou ultrapassar os impactos catastróficos do coronavírus sobre a população.

As aulas presenciais foram suspensas em decorrência da crise da pandemia de Covid-19, passando a ser realizadas por meio de atividades acadêmicas remotas, isto é, mediadas por recursos tecnológicos. No entanto, vários fatores dificultam a realização qualificada do ensino a distância. Dessa forma, surge a necessidade de se encontrar soluções adequadas para ultrapassar as inúmeras dificuldades que marcam a vida de estudantes e professores nesse período de pandemia e, principalmente, garantir que o acesso às aulas remotas seja possível a todos.

(1) PLEX - Período letivo excepcional de retomada de atividades acadêmicas, em modo remoto, após suspensão das atividades presenciais, em março de 2020, por motivo da crise sanitária da Covid-19.



Quem sou eu? Tenho 21 anos de idade e moro em São Francisco do Conde, mais especificamente em Santo Estevão. Como estudante da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB, curso o sétimo período da licenciatura em Letras, Língua Portuguesa.

Considerado o bairro mais bonito de São Francisco do Conde, em razão da sua riqueza natural e belas paisagens, Santo Estevão é uma localidade bem distante do centro de São Francisco do Conde. São 33km de distância entre o bairro e a sede. Por ser uma área mais isolada, somos uma população bem humilde e pequena. Vivemos muito próximos ao mar, portanto, muitas pessoas tiram o seu sustento de lá, através da pesca de peixes e mariscos, como a ostra, o siri, o befum, lambreta etc.

Quando nos dedicamos a falar sobre desafios acadêmicos passados nesse período, esses são inúmeros. Mesmo entendendo que, atualmente, o ensino remoto é a única alternativa, não se pode esconder que essa não tem sido uma boa experiência. Na minha realidade, um dos maiores problemas é com a conexão de internet, pois ela é muito instável e lenta aqui na região, o que acaba dificultando o bom aproveitamento dos componentes curriculares síncronos.

Considerando que estamos passando por um período atípico, temos que nos adaptar às mudanças. Nessa perspectiva, é necessário analisar quais são as melhores alternativas e procurar por aquilo que melhor agrega à nossa formação. No meu caso, que moro numa localidade mais distante, com sérios problemas de conexão com a internet, observei, desde o PLEX, que o formato mais viável para mim era o assíncrono, porque, dessa forma, eu conseguia participar e tirar bom proveito da aula no momento em que a internet estivesse com um bom funcionamento, o que não é possível no formato síncrono.

Por fim, sabemos que essa atual conjuntura pandêmica tem sido nociva a todos(as) nós, tem afetado a nossa saúde e o nosso comportamento. Cabe, pois, a nós procurar alternativas que melhor nos satisfaçam. Da mesma maneira que eu tenho problema de conexão com a internet aqui em Santo Estevão, algum(a) outro(a) colega ou professor(a) pode passar, também, por esses problemas. Mesmo diante de tantos percalços por quais estamos passando, não podemos deixar de lutar, nem esmorecer diante deste cenário que já poderia estar normalizado, caso as medidas cabíveis fossem tomadas em tempo hábil.

Diana dos Santos Boa **Morte**

Minha trajetória é singular. Nasci e cresci na cidade de Santo Amaro/Bahia. O período da minha escolaridade foi realizado nas escolas de rede pública da cidade. Ingressei na Unilab em 2017, no curso de Letras, no intuito de adquirir novos conhecimentos. Cursei anteriormente Pedagogia, mas só trabalhei na área anos depois, em uma creche, na qual tive uma experiência muito gratificante. Espero brevemente retornar à sala de aula.

Na localidade onde moro, as pessoas se previnem. Poucas pessoas nessa pandemia foram infectadas nela. Isso pelo motivo de ter muitos idosos e por eles terem sido os primeiros a receber a vacina. Além disso, os mais jovens estão sempre usando máscara. Os cuidados de prevenção ao vírus, como sabemos, são essenciais.

O ensino remoto está sendo um grande desafio, apesar do semestre passado ter ocorrido na mesma modalidade. A dificuldade principal enfrentada é a desconcentração, a qual prejudica o entendimento do conteúdo. A metodologia utilizada por alguns professores torna as aulas cansativas e desestimulantes. Tem, ademais, a questão dos aparelhos tecnológicos para assistirmos as aulas, pois muitos não têm aparelhos adequados. Apesar de todas as dificuldades, estamos tentando dar continuidade aos estudos. As aulas deveriam ser mais dinâmicas e estimulantes. As dificuldades de muitos professores em não se adequar a essa modalidade são até compreensíveis. No entanto, as aulas não precisam ser metódicas. Apesar dos assuntos requererem mais atenção, os docentes poderiam apresentá-los de modo mais dinâmico nessa modalidade, de maneira a ser mais estimulante nesse momento. Nessa modalidade remota, tanto os professores quanto os alunos enfrentam muitas dificuldades. No entanto, ambos se dedicam para que as aulas ocorram da melhor forma possível. A pandemia trouxe uma realidade atípica em que todos tiveram que se reinventar e ser mais criativos. Esperamos que todos sejamos vacinados para que possamos voltar ao normal.



Erica Souza dos Reis

Quem sou eu? Eu sou filha de Telma de Souza e de Ailton dos Reis Filho, saubarense e estudante de Letras da Unilab. Estudei no sistema público, desde o ensino primário ao superior, sendo que tive muitas dificuldades de aprendizagem nos anos iniciais por não ter sido ensinada nas tarefas escolares já em casa. A razão disso é que sua mãe e seu pai não podiam ajudá-la, pois sua mãe marisqueira possuía apenas a educação básica, a alfabetização, e seu pai trabalhava fora da cidade. No entanto, há de se considerar que as dificuldades não a fizeram desistir, e a persistência nos estudos fez dela ingressante do ensino superior. Atualmente, com a pandemia do coronavírus, a discente está enfrentando problemas para executar suas atividades acadêmicas. As considerações abordadas fazem parte do trajeto vivenciado, desde meu ingresso na Unilab – Malês, até o atual período pandêmico do covid-19.

Sou saubarense por ser natural de Saubara, uma cidade localizada no interior da Bahia, em que parte da economia é gerada a partir do órgão executivo municipal, do comércio e das atividades relacionadas à pesca. Nesse sentido, grande parte das atividades trabalhistas da cidade são associadas ao mar, por exemplo, a pescaria, a venda de mariscos, a comercialização das barracas de praia e dos vendedores ambulantes que transitam entre as barracas. Dentre outras atividades, na localidade também são presentes manifestações artísticas culturais, que não são remuneradas pelo executivo, mas que geram renda, especialmente, por atraírem turistas para a cidade. Paradoxalmente, a catástrofe pandêmica – do covid-19 afetou a maioria dos habitantes do município, que se mantiveram dos auxílios do governo e das atividades pesqueiras para subsistência.

Com isso, a pandemia afetou até mesmo as necessidades básicas dos cidadãos saubarenses, pois a maioria dos setores ficaram impossibilitados de exercer suas atividades trabalhistas.

Além dos problemas econômicos, a pandemia também afetou o sistema educacional, não só em Saubara, como também em outras cidades e estados do Brasil que concentram grupos excluídos socialmente. Para ilustrar, antes do coronavírus, eu estudava presencialmente em São Francisco do Conde, de segunda a sexta e, de vez em quando, aos sábados. Por consequência do covid-19, as aulas foram suspensas em todos os setores educacionais brasileiros, e só após a decisão do governo federal elas retornaram à distância, ou seja, online, com um ensino remoto emergencial, para avaliar a saúde mental e física dos discentes e docentes. Entretanto, as aulas remotas não alcançaram resultados satisfatórios, mas, por determinação do governo, os semestres continuaram com uma única opção, "ou estuda, ou estuda".

Em síntese, os estudantes e os professores tornaram-se obrigados a se concentrar nos estudos, enquanto corriam o risco de adoecer, e de perder parentes e amigos por decorrência do surto pandêmico. Para pôr isto de outro modo, a política governamental do Brasil estabeleceu que o ensino seria de modo EAD, sem preocupar-se com a classe desfavorecida do país. Desse modo, as decisões políticas estamparam o quanto o Brasil é um país desigual, e todos os estudantes e professores tiveram que cumprir com as imposições administrativas do governo federal. Por outro lado, os problemas estruturais e sociais não foram sanados.

Naomyn Dhandara

Os menos favorecidos, mais uma vez, tornaram-se vítimas principais das exigências do governo. Como consequência, a catástrofe pandêmica intensificou, ainda mais, os problemas do país, econômicos, educacionais e sanitários, reafirmando que nem tudo é covid. Pelo contrário, a desigualdade já era existente no país antes mesmo da pandemia, e essas decisões sem planejamento podem afetar o desenvolvimento futuro do país. Portanto, a administração política deveria, primeiramente, solucionar as problemáticas de base, que são enfrentadas pelos menos favorecidos, criando leis e decretos para igualar as classes sociais.

Em suma, sem via de dúvida, os estudos são importantes, porque é através deles que nos tornamos pessoas mais esclarecidas e sábias. Contudo, o período pandêmico intensificou questões que reafirmam a necessidade de solucionar as problemáticas vivenciadas pela população brasileira. Cabe ressaltar que as minhas necessidades como estudante são as da maioria da população brasileira, que elas não estão sendo solucionadas e que isso afeta às classes médias e baixas do país, à população sem recursos excluída de poder consolidar seus estudos. Sendo assim, é necessário que os órgãos governamentais criem leis e ações para intervir nesses problemas vivenciados pela sociedade brasileira, a fim de promover uma educação igualitária, eficaz e de qualidade.

Nasci em Santo Amaro da Purificação, uma cidade do Recôncavo Baiano. Ainda resido nesse município. Estudo na UNILAB, Campus do Malês. Sou integrante do curso de Letras. Estou cursando o quinto semestre.

Santo Amaro é uma cidade com mais ou menos 60 mil habitantes, distribuídos entre a zona urbana, a zona rural e os distritos. Com a pandemia, algumas medidas foram tomadas, visando a não proliferação do vírus, contribuindo assim para que a cidade não tivesse uma quantidade excessiva de casos confirmados para a covid-19. Algumas dessas medidas foram eficazes, outras nem tanto, mas permanecemos firmes e fortes combatendo esse vírus.

O ensino remoto tem sido bastante desafiador. Os alunos em sua grande maioria enfrentam diversas dificuldades. As dificuldades mais vivenciadas têm sido a falta ou mau funcionamento da internet, celular/computador quebrado ou apresentando defeito. O conflito existente em entender os assuntos sem o contato presencial com o professor e os colegas é frequente. O ensino remoto depende 100% do acesso à internet. No meu caso, quando o sinal do wifi falha, recorro para o plano B (dados móveis). Nem sempre estou com crédito, logo, quando esse plano B não funciona, fico sem assistir a aula. Entristecedor é saber que nem todos os alunos possuem esse plano B.

A proposta do ensino remoto precisa ser repensada, mas em hipótese alguma descartada. A adaptação não é rápida, os problemas não são poucos e não atingem somente os alunos, mas aos professores também.

Os educadores sofrem com esse ensino novo, dando aulas a “vários quadradinhos”, sem ver nossos rostos (o que é desanimador). Mediante as dificuldades expostas no parágrafo anterior, uma solução amenizadora seria a gravação das aulas. Desse modo, o acesso à aula será permitido em um outro momento. Somente com a leitura dos textos disponibilizados pelos professores, não conseguimos entender os assuntos e uma aula não assistida faz muita falta.

Tenho imensa dificuldade em assimilar os assuntos com o ensino a distância. Estou me dedicando e tentando não pensar negativo. Mesmo com todos os obstáculos, a contribuição passada pelos professores permanece excepcional e essencial para nossa formação enquanto docentes. É necessário seguir em frente. Acreditar que, no fim, venceremos.

Continuaremos a publicar os textos do Dossiê "Estudantes de Letras - Língua Portuguesa do Campus dos Malês da UNILAB perante o ensino remoto: realidades, desafios, alternativas, experiências" nas próximas edições.



Live de Lançamento
do Livro
Transbordar

Autor
Vinicius Mellick

Editora
Isis Karamba

10 de novembro (quarta-feira)
às 19h

 editorakisimbi



Nosso Vini, egresso do Curso de Letras e atualmente mestrando da UEFS está lançando seu livro "Transbordar". Bora lá prestigiar o trabalho desse talentoso escritor baiano que muito nos orgulha!

O CAMPUS DOS MALÊS JÁ TEM MESTRADO!!

O Curso de Mestrado da UNILAB- Campus dos Malês em Estudos de Linguagens: Contextos Lusófonos: Brasil – África, do Campus dos Malês (MEL MALÊS), primeiro mestrado acadêmico do Campus dos Malês, é fruto do trabalho de docentes-pesquisadores das áreas de Letras e Educação. Indicado para aprovação pela CAPES em 2020, em meio ao contexto pandêmico que assolou o mundo, teve sua publicação somente em DOU de 12 de agosto de 2021, o relatório da comissão de avaliação destacou a qualidade do corpo do docente, as pesquisas já em desenvolvimento na graduação e principalmente seu compromisso com a formação de indivíduos comprometidos com uma educação antirracista, plural, aliada com a Ciência e seu desenvolvimento na Universidade Pública.

O Mestrado Acadêmico em Estudos de Linguagens: Contextos Lusófonos Brasil - África, UNILAB, campus Malês inova ao apresentar como especificidade a formação de recursos humanos na região do recôncavo baiano, e demais pesquisadores comprometidos com pesquisas decoloniais, afro-brasileiras e afrocentradas.

O programa que carinhosamente é tratado como MEL Malês fomentará pesquisas acerca das africanidades e afrobrasileiridades no campo das linguagens e do ensino, atendendo às demandas contemporâneas vinculadas à cultura, às tecnologias e suas linguagens, questões sociais e identitárias, em sintonia e diálogo com os países africanos de língua portuguesa e demais membros da CPLP.



Mestrado Acadêmico em Estudos de Linguagens: Contextos Lusófonos Brasil - África

Processo de Seleção para turma 2021

Inscrições 29/11 a 10/12

Confira o Edital em memaes.unilab.edu.br

CAMPUS DOS MALÊS UNILAB

UNILAB
Universidade da Integração Internacional de Linguas Brasileiras

Nosso curso estabelecerá um amplo e necessário diálogo com as humanidades, a compreensão das diversas linguagens a partir dos estudos literários e linguísticos, bem como suas interfaces com a educação.

As semelhanças e diferenças presentes no corpo discente e docente da nossa comunidade nos permite um conhecimento mais efetivo das especificidades dos contextos socioculturais dos falantes de língua portuguesa. A riqueza de possibilidades promovida por estas intersecções nos convida à pesquisa que nos conduzem por inúmeros caminhos das pesquisas em linguagens, desde a investigação do diverso e do comum na história que nos une, às novas possibilidades de contato e conhecimento via comunicação digital, favorecendo novas feições artísticas, linguísticas e sociais. Bem como a convivência multicultural presente na UNILAB que oportuniza revisões epistemológicas relevantes.

A Área de Concentração "Afrobrasilidades e Africanidades - Linguagens e Culturas", desdobra-se em três linhas de pesquisa: Estudos Linguísticos e suas Interfaces; Estudos Literários e suas Interfaces e Estudos das Linguagens em contextos educacionais formal e não formal. Em seu primeiro edital (01/2021), oferta 20 vagas- (14 Ampla Concorrência e 06 Ações Afirmativas), oportunizando o ingresso de turma previsto para o semestre 2021.2.

O MEL Malês ao trazer em sua sigla a doçura literária de Iracema e a força das Yabas do solo Malês inaugura uma nova fase para as pesquisas nas áreas de Letras e demais Ciências Humanas, enlaçadas pelas palavras de resistências e existências brasileiras, africanas e afro-brasileiras.

Para maiores informações acesse o site www.melmales.unilab.edu.br - e leia o edital na íntegra.

Profª Eliane Gonçalves

Coordenadora do Mestrado em Estudos de Linguagens - MEL Malês.



Sem ponto

O PODCAST DO
JORNAL O PONTO!



MEL MALÊS

**MESTRADO EM ESTUDOS
DE LINGUAGENS:
CONTEXTOS LUSÓFONOS
BRASIL-ÁFRICA**

Novidades: nosso mestrado em Estudos de Linguagens do Campus dos Malês (Mel Malês, para os íntimos) acaba de abrir o processo de seleção para a primeira turma!!!! Você já está sabendo disso? Não?! Então, ouça esse episódio do Sem Ponto e fique por dentro de tudo!!!! Bó?!

**CONTINUE ESSE PAPO EM NOSSAS
REDES SOCIAIS: @JORNALOPONTO**





KEVIN E SAMUEL

Trecho do conto Kevin e Samuel, retirado da obra "Contos da paixão" de Jessé Olyvarbo

Samuel e Kessie estão deitados sobre um lençol na quadra do Campus dos Malês, em São Francisco do Conde, na Universidade Internacional da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira. O rapaz estuda Pedagogia à noite e está no terceiro semestre. Quando perdeu numa disciplina do segundo semestre, precisou recuperá-la e é nessa nova turma que conhece a Kessie, também estudante de Pedagogia.

Apaixonaram-se um pelo outro assim que Samuel entrou na sala. Ao trocarem olhares, não pararam mais e depois desse momento, ele teve a iniciativa de puxar conversa com ela na hora do intervalo. Samuel ficou tão nervoso que Kessie apenas riu, isso deixou ele mais despreocupado e a sua vontade de namorá-la apenas aumentou.

É final de semestre, eles estão em silêncio deitados no chão da quadra brincando com as mãos ao entrelaçar os dedos. Combinaram de trancar as disciplinas do dia de terça-feira para terem um tempo só deles. Kessie mora em Salvador e Samuel mora lá mesmo em SFC. Vale ressaltar que ela chega em casa meia noite e meia todos os dias depois da aula.



Jessé Olyvarbo - Acadêmico do 8º semestre do curso de Letras da UNILAB/Malês @olyvarbo

Kessie Bandera tem 18 anos, é magra como uma top model da Victoria's Secret e é negra, tem lábios espessos, porém, tão harmônicos que parece terem sido desenhados, e os seus dentes são perfeitos, ela tem pálpebras puxadas como orientais, ela os deixavam ainda mais puxados com um delineado estilo "gatinhas" e os seus olhos têm a cor do mel, o seu cabelo é bem estiloso com dreads que ela amarra no topo da cabeça e usa um piercing no septo.

Samuel Nunes tem 21 anos, também é negro, porém, menos escuro que a Kessie, o que ele detesta, pois, quer ter a cor do cravo, mas está mais para doce de leite; é um pouco musculoso por ir à academia malhar duas vezes por semana. Antes de entrar na Universidade, permaneceu tanto tempo sem sair de casa, sem ver o sol, que ficou com o tom da pele amarelado. Ele estava com depressão e se recuperou totalmente depois de conhecer a Kessie. Samuel tem cabelos crespos e os corta num estilo punk, chamavam-no de "sarári crioulo", os seus olhos são castanho-escuros e os seus cílios são tão cheios que metem inveja, todavia, o que mais invejam nele são os lábios, carnudos e vermelhos.

— Amor? — indaga Kessie.

— Oi, vida — responde Samuel.

— Você acredita que os meus parentes sempre pensaram que eu seria sapatona? Até eu mesma cheguei a pensar isso.

— Sério? — Samuel diz com sarcasmo. — Por que será, hein? — brinca.

Kessie sorri.

— Para! Abestalhado. É sério. Você precisava ver a cara das minhas primas quando eu dei a notícia de que estava namorando com você. Até hoje querem saber quem é, mas vou deixá-las curiosas por enquanto. Agora estão dizendo que você não existe — ela dá risadas. — Eu não sei por que dizem que sou machuda... Mentira, sei sim. Mas queriam o quê? Fui apegada mais ao meu pai militar e o meu irmão foi apegado a minha mãe artista plástica. Se divorciaram quando eu tinha 2 anos, recentemente, depois de um tempo ruim, reataram o casamento.

— Poderia ter sido ao contrário esses apegos do seu irmão e você — sugere Samuel com graça.

— Ha, ha! Você tá muito engraçadinho hoje.

— Por que você nunca me contou que tem um irmão? Não gosta dele?

— Tá doido? O meu irmão é tudo pra mim. Ele tá estudando em São Paulo agora. Disse que vem me ver em Dezembro. Mês que vem, na verdade. Mês do jingle bell.

— Você não justificou a sua resposta, e também nunca me contou que os seus pais reataram o casamento, você já me mostrou várias fotos atuais deles dois e não parece.

— Afff! E precisa parecer? — diz Kessie com grosseria.

— Você quase não me conta sobre a sua vida ou sobre a sua família, e já temos quatro meses juntos. Eu já te contei praticamente tudo da minha vida, já te levei até para a minha casa para conhecer os meus pais...

— Vai dar uma de sentimental agora, é? Ihhh! — exclama Kessie sem paciência.

— O que foi, minha perfeita? Por que tá tão chateada? — Samuel a agarra e a beija no pescoço, ela sorri e se entrega aos afagos românticos. — Você sabe que eu te amo.

— Não estou chateada e eu sei que você me ama, meu bem.

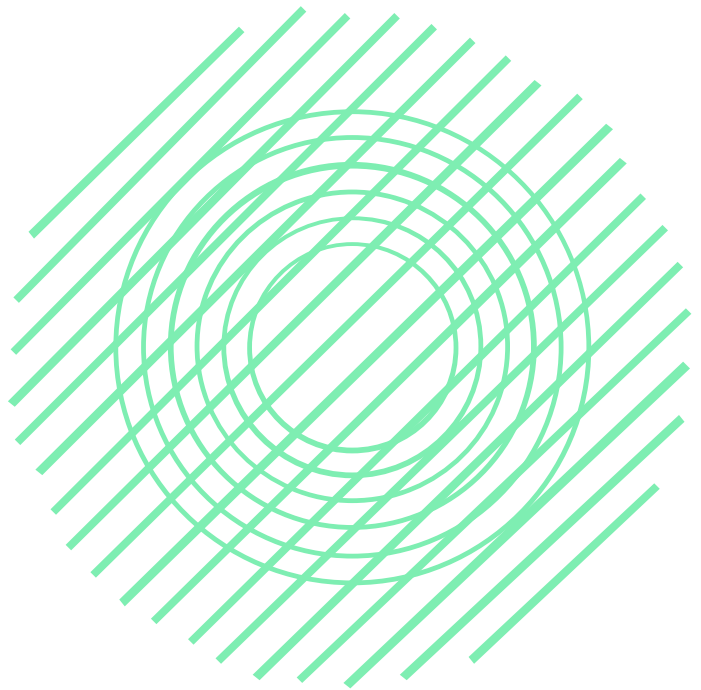
— Então, o que é?

Kessie hesita antes de responder.

— É que os meus pais querem que eu abandone a universidade, mas eu não quero deixar os meus estudos...

Gostou?! Quer saber o que vai ser desse romance?

Para continuar lendo
acesse: <https://m.dreame.com/novel/33yPW8q/vh9IFaa710U>



Vamos falar
sobre...

INCLUSÃO?

EDUCAÇÃO ESPECIAL NA GUINÉ-BISSAU

EDUCAÇÃO ESPECIAL COMO BASE PARA COMBATER A DISCRIMINAÇÃO CONTRA CRIANÇAS DEFICIENTES EM GUINÉ-BISSAU: O CASO DE CRIANÇAS AUTISTAS

Alquiloma João lala

Com este breve texto, temos a intenção de suscitar reflexões acerca da (falta de) educação inclusiva em Guiné-Bissau. Há anos percebe-se que muitas crianças que apresentam deficiência são excluídas da sociedade por causa de suas características físicas e psicológicas. Neste caso, notamos que essa exclusão também acontece dentro da escola, pois muitas vezes o/a professor/a, como um mediador na sala de aula, não consegue lidar com pessoas essas características. Isso se dá em decorrência de o governo não assumir a sua responsabilidade em defesa e criação de projetos para suprir a necessidade desses indivíduos. Segundo o Relatório global do Fundo das Nações Unidas para a Infância, UNICEF, realizado em 2013, as crianças deficientes são discriminadas, violentadas e até mortas em Guiné-Bissau sem grandes penalizações. Em 2010, o UNICEF registrou a presença de cerca de 13 mil crianças com alguma deficiência de um total de 1,5 milhões de guineenses. De acordo com o representante da UNICEF na Guiné-Bissau, Abubacar Sultam, a causa desse elevado número de crianças com deficiência é a fraca qualidade de saúde no país.

Além disso, o sistema educacional guineense não colabora para a minimização da exclusão dos deficientes. Segundo Kassir (2011, p.62), "a educação especial constituiu-se como um campo de atuação específica muitas vezes sem a interlocução com a educação comum". Neste caso, detectamos a falta de conscientização do governo, que muitas vezes não assume as suas responsabilidades a fim de criar métodos que vão contemplar os deficientes na educação, em especial pessoas autistas.

Vale lembrar que o autismo ainda não é visto como uma doença para muitas pessoas dentro da sociedade guineense. Desse modo, é necessário pontuar que as crianças deficientes sofrem a desumanização na sociedade guineense, neste caso, estamos a referir à violência física, psicológica, até homicídio. Essa violência é mais perceptível nas pessoas autistas que, na maioria das vezes, são assinadas por causa de crença de certas famílias, dizem que as pessoas autistas não são humanas, mas, sim, animais ou espíritos maldosos que encarnam no ventre de uma mulher para lhe impedir de ter mais filhos e impedir a felicidade ao casal, neste caso os pais. Essas crenças construídas e aceitas no país tornam a situação ainda mais grave, de tal modo que ser autista na sociedade guineense é sofrer preconceito e bullying em diversos espaços sociais.

Em suma, exige-se a responsabilidade do governo para implementar processos educativos que favoreçam essa classe minoritária no país, a fim de que essas pessoas possam conquistar seus direitos sociais e viver de forma digna na sociedade guineense.





POLITICAMENTE

letrando

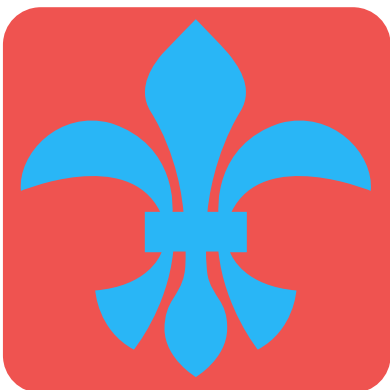
VAMOS FALAR SOBRE PARTICIPAÇÃO POLÍTICA ESTUDANTIL?

por Alexandre Cohn da Silveira

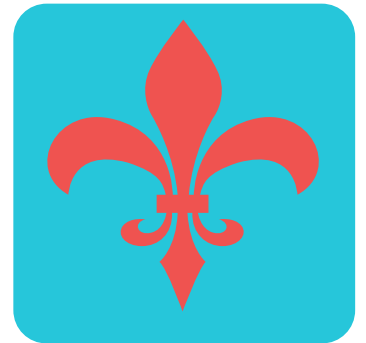
Por que é importante discutir a participação dos estudantes nos espaços universitários e nos momentos de tomada de decisão? Qual o papel que cabe aos/às estudantes de Letras na condução de seu curso? Como isso pode ser organizado? Vamos conversar sobre isso com seriedade?

O Analfabeto Político, Bertolt Brecht

O pior analfabeto é o analfabeto político. Ele não ouve, não fala, nem participa dos acontecimentos políticos. Ele não sabe que o custo de vida, o preço do feijão, do peixe, da farinha, do aluguel, do sapato e do remédio dependem das decisões políticas. O analfabeto político é tão burro que se orgulha e estufa o peito dizendo que odeia a política. Não sabe o imbecil que, da sua ignorância política, nasce a prostituta, o menor abandonado, e o pior de todos os bandidos, que é o político vigarista, pilantra, corrupto e lacaio dos exploradores do povo.



O texto transcrito acima é tão conhecido quanto desprezado por aqueles que aceitaram o discurso de que “política é algo chato!”. Não, pessoal... política não é uma coisa chata, mas sim uma característica da nossa condição humana. Ninguém aceita um discurso que diz que “nascer é chato”, ou “se alimentar é chato”, ou ainda “viver é chato”, ainda que haja momentos difíceis e monótonos em nossas vidas. O fato é que nós agimos politicamente em todas as situações de nossas vidas e não temos como escapar disso. É preciso que se note que estamos falando de política e não de política partidária, que é uma forma específica de se fazer política, muito menos estamos nos referindo à politicagem, que é o mau uso das habilidades políticas voltadas para interesses de um grupo específico e não do bem-estar comum.



A nossa participação política ativa nos ambientes sociais é algo que acontece já no contexto familiar, na relação com nossos pais e irmãos, com nossos companheiros e companheiras, filhos e filhas, nas relações com as pessoas com quem convivemos diariamente. Estamos sempre enfrentando negociações, desafios e até conflitos de interesses que precisam ser bem discutidos e organizados, caso contrário a vontade de uns se sobrepõe aos desejos de outros, o que não é, definitivamente, democrático. O mesmo acontece nas comunidades que fazemos parte, nos agrupamentos religiosos, nas relações com nossos amigos e, obviamente, na universidade.

A participação política de estudantes no movimento estudantil e nas agremiações de classe que existem são fundamentais para que os processos de tomada de decisão sejam colaborativos, respeitando os interesses de todos os grupos envolvidos. Os estudantes e a força estudantil já foram responsáveis por grandes movimentos que trouxeram transformações muito significativas em procedimentos universitários, mas também em questões regionais, estaduais, nacionais e internacionais que afetavam toda a sociedade. Ocupar os espaços de discussão é, portanto, um direito e um dever de todas e todos estudantes, uma vez que, como membros da comunidade universitária, podem ser ouvidos e podem entender melhor as questões que afetam ao coletivo discente e universitário.

Discordar, debater, entender, rever posicionamentos, questionar, ceder, acolher, tudo isso é muito complexo e desafiador, mas de extrema importância para que o exercício da cidadania e da democracia sejam respeitados, mantidos e promovidos na universidade e na sociedade. Daí, lembro o grande educador Paulo Freire, que nos ensina que “Qualidade da educação; educação para a qualidade; educação e qualidade de vida, não importa em que enunciado se encontrem, educação e qualidade são sempre uma questão política, fora de cuja reflexão, de cuja compreensão não nos é possível entender nem uma nem outra. (FREIRE, 2001, p. 24)”.



É muito importante reclamarmos por melhor qualidade na educação, por melhores condições de permanência e por avanços necessários, mas isso sem o exercício político estudantil é uma falácia. Essa a politicidade que Freire nos ensina como sendo condição intrínseca dos educadores, dos educandos e de todo processo educacional. Para além disso, como bem destaca o Mestre, “o educador, o intelectual engajado, cimentado com o oprimido, não pode limitar-se a conscientizar dentro da sala de aula. Deverá aprender a se conscientizar com a massa. (FREIRE, 2000, p. 5)” Isso significa que a mobilização estudantil pode começar com a atitude individual de cada estudante querer assumir seu papel nos processos políticos da universidade, no entanto esse movimento precisa ser organizado coletivamente, através do Diretório Central dos Estudantes e dos Centros Acadêmicos de cada curso de graduação.



Esses órgãos não se limitam a ser representações discentes nos colegiados e conselhos universitários, mas são espaços de representatividade estudantil que se associam com os demais órgãos estudantis de outras universidades, brasileiras e internacionais. A participação ativa dos Centros Acadêmicos pode organizar ações acadêmicas, políticas, culturais e sociais que contemplem as vontades e necessidades dos estudantes do curso que representam. A articulação entre os diversos centros acadêmicos possibilita a organização de encontros em nível nacional e até internacional para o debate de questões vigentes e o intercâmbio de possibilidades e informações que só tem a agregar na formação de cada estudante. A UNE – União Nacional dos Estudantes (une.org.br) – oportuniza muitas articulações estudantis que, no caso de Letras, é uma responsabilidade da Executiva Nacional dos Estudantes de Letras. Envolvendo a representatividade estudantil de estudantes de Letras em nível de graduação e pós-graduação. No site da instituição há todas as orientações para que as agremiações estudantis sejam montadas e implementadas (<https://www.une.org.br/movimento-estudantil/monte-sua-entidade/>). Essas orientações favorecem os primeiros passos e demonstram uma articulação nacional necessária ao movimento estudantil ganhar força e espaço dentro e fora das universidades.

Diante do que exponho nesse texto, fica a pergunta: “E o Centro Acadêmico dos Estudantes de Letras dos Malês?” Temos tido muitas dificuldades em formar uma equipe de representantes discentes para o Colegiado de Letras e para os conselhos e demais espaços coletivos de tomada de decisões na UNILAB. Os estudantes e as estudantes que têm feito parte dessa representação têm realizado um importante trabalho em prol dos estudantes do curso, mas eles e elas não podem trabalhar isoladamente. Todos e todas estudantes do Curso de Letras precisam desse engajamento coletivo fundamental. A nossa Semana de Letras de 2021 foi um grande exemplo dos maravilhosos frutos que são conseguidos quando o protagonismo estudantil ocupa o seu lugar de direito.

Letras é Malês... e Malês existe, resiste, persiste e insiste! Insistimos na formação de um coletivo de estudantes bastante diverso e representativo que componha o nosso próprio Centro Acadêmico, que tenha uma representatividade consistente no DCE e que faça muito por esse nosso Curso de Letras!

Quem se habilita?



Para entendermos melhor sobre a representação discente no Curso de Letras, conversamos com as atuais representantes que nos trouxeram muitas explicações sobre essa experiência que têm vivido.

Primeiramente, digam quem compõe atualmente a representação estudantil do Curso de Letras?

Atualmente, as representantes estudantis do Curso de Letras são Cátia Regina Correia, Janaina dos Santos Costa, Luciana Silva dos Santos, Mirian Brito da Penha.

O que é participação política estudantil na visão de vocês?

A participação política estudantil é uma intervenção essencial que busca os direitos e interesses dos estudantes sobre assuntos e condutas realizadas dentro da Universidade.

Qual a importância da participação estudantil nas discussões sobre a universidade e seu funcionamento?

A participação estudantil é importante para que possamos ter um lugar de fala na universidade. É uma função de grande prestígio e responsabilidade que agrega na compreensão política e estrutural da universidade. Nesse sentido, o estudante participa de todas as reuniões, decisões e votações do Colegiado de Curso relacionadas a assuntos que afetam diretamente o estudante na universidade, em pé de igualdade de direitos com os/as docentes. As representantes expõem suas ideias nos assuntos a serem discutidos, e se disponibilizam enquanto ponte de diálogo fluído entre a comunidade Discente e a instituição.



UNIÃO
NACIONAL
DOS
ESTUDANTES

Como melhorar o engajamento dos/das estudantes nessa participação?

Primeiramente é importante que os/as estudantes entendam o seu papel enquanto representante estudantil dentro da universidade, atuando de forma direta nas camadas de representação política, passando a ideia de que, sem o representante estudantil, o corpo discente não tem voz.

É importante também que entendam a importância da experiência de estar em uma posição sociopolítica e que isso lhe trará uma retribuição de carga horária, um peso no seu currículo acadêmico e na sua vida pós-universidade.

Vale também ressaltar a importância da presença de toda comunidade Discente, nas reuniões e assembleias, espaços que formalizam as estratégias e decisões, a partir da decisão coletiva e democrática.

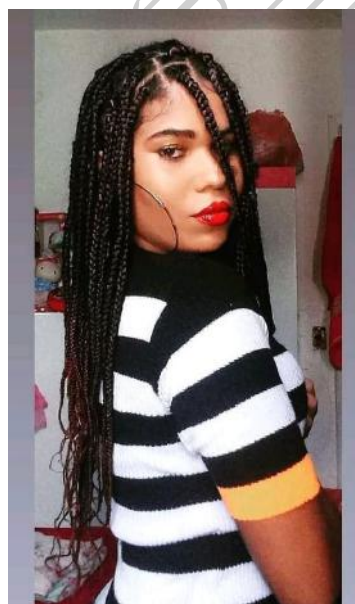
Qual a mensagem que a representação discente de Letras deixa para todes nós?

Como diz Joseph John Campbell (1904-1987), “compreender que há outros pontos de vista é o início da sabedoria”. Da mesma forma, conforme Chimamanda Addichie nos alerta, uma história única, vista apenas por um lado, é sempre um perigo. Diante disso, entender o ponto de vista dos estudantes é de extrema importância para o desenvolvimento da universidade, assim como é de grande importância compreender que o futuro da universidade depende também do compromisso e da responsabilidade que temos enquanto estudantes, dentro dos aspectos que afetam direta e indiretamente a vida acadêmica.



Cátia Regina

Luciana Santos



Janaína Costa

Mirian Brito





Prezadx estudantes,

A Coordenação do Curso de Letras irá divulgar, entre os dias 29 de outubro e 03 de novembro, a proposta selecionada para a Logomarca do nosso curso. Iremos disponibilizar, no SIGAA e pelas redes sociais, o formulário para que vocês possam votar e legitimar se concordam ou não se a imagem selecionada será a nossa identidade visual.

Recebemos sete (07) propostas e, de acordo com os critérios do Edital, foi selecionada apenas uma, cabe agora a vocês decidirem se esta proposta será eleita ou não. Nesse sentido, incentivamos a todas, todos e todes a participarem!

Outra novidade é o e-mail de contato da representação discente no Colegiado de Letras, Cátia Correia, Luciana Santos, Janaina Costa e Mirian Brito. Incentivamos a todxs que procurem a representação para sanar dúvidas e enviarem as demandas para o Colegiado sempre que desejarem, por meio do endereço eletrônico: colegiado.letas.males@unilab.edu.br. Divulgamos, também, o link para o grupo de whatsapp dxs estudantes do curso!

Reforçamos, ainda, os horários de atendimento (remoto) da Coordenação do Curso para o semestre de 2021.1:

Segundas-feiras – das 14h às 17h

Quartas-feiras – das 14h às 17h

Quintas-feiras – das 8h às 12h

Sextas-feiras – das 10h às 12h

Abraços,

Professoras Wânia e Lavínia

URGÊNCIA: ALERTA VERMELHA

USSUMANE EMBALO (OSMAN) GRADUANDO EM BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM HUMANIDADES (BIH) NA UNILAB – MALÊS

Trago aqui um alerta sobre os maus tratos que têm acontecido com os estudantes estrangeiros que recém ingressaram e que vivem processos desumanizados pelas/os próprias/os "irmãs/os" (acolhedoras/es) dos países de origem, o que tem chamado a atenção a todos os sectores da UNILAB, responsáveis pelo processo de seleção dos acolhedores dos estudantes estrangeiros, em particular guineenses e angolanos, tanto na Bahia quanto em Ceará. Durante o período de acolhimento dos estudantes estrangeiros do edital 2020.1, aconteceram vários problemas que até fugiram de controle, como divisão injusta de trabalho, insuficiência alimentar, redução de horários normais de dormir, alojamento dos calouros nas salas de visita o que consequentemente obriga os sujeitos de terem que acordar antes do horário normal para não serem surpreendidos com visitas.

Foi constatado também a expulsão dos acolhidos sem auxílio para irem morar por conta própria, além de mudança dos acolhedores e ameaças de desvinculação com o edital como acolhedor, o que acarretaria perda de assistência do acolhido.

Esses e outros problemas marcaram a vida dos últimos estrangeiros ingressos, problemas que também ocorreram anteriormente, com os ingressantes acolhidos de 2019.1 e 2019.2 que sempre partilharam experiências idênticas. Sabemos que alguns desses problemas foram mais ou menos sanados, mas a maioria deles foi abafada dentro das comunidades angolana e guineense. Os grupos estudantis levaram essas questões ao conhecimento da Pró-reitoria de Políticas Afirmativas e Estudantis (PROPAE) da UNILAB, que se desinteressou sobre os fatos reportados nos e-mails com abaixo-assinados dos acolhidos e acolhedores e nem sequer se posicionou sobre os tais acontecimentos.

Pelo que entendemos como "vítimas" dessas situações, a maioria dos acolhedores se inscreveram nos editais de acolhimento, não com o espírito de empatia, e sim com o espírito de usar os pobres inocentes ingressantes como meio financeiro. Constatamos que a maioria deles aceitam o valor miserável de R\$ 200,00 para os seus usos pessoais, não para acrescentar na alimentação ou aluguel da casa. Particularmente, os que tem alugueis com água e luz incluso, fraudam a situação pedindo aos proprietários da casa onde moram, em nome dos novatos, argumentando que estes ainda não têm auxílio de assistência nos primeiros momentos, algo que se caracteriza como "grave lorota".



No entanto, no acolhimento de 2020.1, houve muitos casos, tanto na Bahia quanto em Ceará, em que muitas meninas nem sequer conseguiam trocados para comprarem "absorventes", sabão íntimo, desodorantes ou creme da pele, mesma coisa com os meninos também, que não podiam cortar cabelos mesmo com aumento do auxílio para R\$ 220,00 relativo ao RU. Portanto, foi cruel, não apenas com a nossa entrada, mas com entradas anteriores também (2019.1 e 2019.2). Isso mostra que existem Políticas de Assistência Estudantis na UNILAB sim, mas de maneira deficiente, porque não há política de seguimento e avaliação dessa assistência. Injustamente, a pandemia foi acusada de toda culpa mas, na verdade, são acontecimentos velhos, comuns e muito dinâmicos.

A política de assistência estudantil não deve limitar apenas ao auxílio financeiro de R\$ 200,00, sem que seja feito seguimentos e avaliações. lembrando que muitos são acolhidos por pessoas que nunca antes se conheceram, mesmo sendo da mesma cidade ou comunidade de origem. Houve, inacreditavelmente, casos em que irmãos maltrataram seus irmãos. É preciso que isso sirva como chamada de atenção à PROPÆ e a todos os outros setores da UNILAB envolvidos nessa política pois novos ingressantes virão e o problema pode se repetir. Os pequenos corruptos acadêmicos estão se preparando para receber novos estudantes para maltratar e tirar vantagens financeiras para melhorar a sua pequena burguesia. Portanto, é a hora certa para tomar medidas cautelares contra esses casos. Lembremos que os meninos e as meninas ingressantes não deduram os seus acolhedores, mesmo sofrendo essa violência. É necessária uma avaliação dura e cautelosa para que os reais culpados sejam responsabilizados por esse problema.



A equipe do Jornal O Ponto procurou a Pró-reitoria de políticas Afirmativas e Estudantis - PROPÆ para que trouxessem para a comunidade acadêmica suas considerações sobre o assunto. Abaixo segue a resposta a nós enviada pela PROPÆ.

Primeiramente, gostaria de agradecer o contato.

Com relação ao que é expresso pelo estudante, informamos que o gabinete da pró-reitoria tomou conhecimento do acontecido no dia 13 de setembro em uma reunião com representantes do DCE (Bahia e Ceará).

Foi relatado o ocorrido no acolhimento do Malês e passada a necessidade de que situações como as apresentadas não se repetissem no futuro. Durante a reunião, um dos membros do DCE lembrou que o programa de Acolhimento é da CSAA/Prointer - Coordenação de Seleção, Acolhimento e Acompanhamento da Pró-reitoria de Relações Institucionais e Internacionais - aqui no Ceará e que a conversa é feita em parceria com a Propae. Ao final da reunião, deixamos como encaminhamento que a Saúde Mental dos estudantes (acolhedores e acolhidos) possuem fluxos junto com a equipe de psicólogos. Também propusemos a criação de manuais, fichas e rodas de conversa com a Divisão de Atenção ao Estudante (Diase), além de sugestões de como o gasto do auxílio pode ser melhor implementado (Nidae - Núcleo de Informação e Documentação Estudantil).

Como os estudantes internacionais não chegaram em solo brasileiro, não tivemos como encaminhar os manuais que serão orientadores das ações, que devem protagonizar um diálogo mais próximo, contínuo e permanente com os acolhedores para este momento. Lembrando que o material estará resguardando a autonomia das unidades acadêmicas em sua produção e formas de organização das orientações aos acolhedores.

Para os estudantes que já se encontram no Brasil, o referido abaixo-assinado não chegou a meu conhecimento, mas assim que recebê-lo, irei acolher a demanda para intermediar tudo que estiver sob gerência da Propae.

Sem mais, desejo sucesso na publicação.

Profª Larissa Nicolete - Pró-reitora de Políticas Afirmativas e Estudantis



O Ponto



Dúvidas?
Críticas?
Sugestões?

Quer fazer parte de nossa equipe?

jornaloponto@unilab.edu.br

Siga-nos em nossas redes sociais

